

Questionado certa vez sobre o que havia de novo na Psicanálise, André Green respondeu à queima-roupa: "Freud!" Para além da *boutade*, esta resposta dá o que pensar: qual elixir teria bebido nosso ancestral comum, capaz de garantir-lhe eterna juventude? E, aliás, por que situá-lo sempre nesta posição paterna, ressaltando a impossibilidade factual com o recurso aos adjetivos - paternidade simbólica, transferencial, virtual, paradigmática...?

A posição de Freud na disciplina que inaugurou e nos corações e mentes daqueles que a praticam é motivo de perplexidade, e às vezes de chacota, por parte de nossos colegas filósofos ou cientistas. Em nenhum outro campo do conhecimento, é tão preeminente e tão cultuada a pessoa do fundador; tornou-se lugar comum a comparação de suas obras com as Sagradas Escrituras, elas também objeto de comentários que atravessam as gerações e servem de ponto arquimediano para desenvolvimentos por vezes consideravelmente afastados da letra delas.

Existe, é certo, toda uma hagiografia em torno de Freud; é possível lê-lo com a reverência devida a um oráculo, ou glosar indefinidamente a menor de suas afirmações. Mas não é esta, nos parece, a forma mais adequada para trabalhar suas idéias. Ele mesmo escreveu, na abertura de *Psicologia das Massas*, que para os humanos o outro pode ser objeto, modelo, aliado ou adversário. Talvez a maneira mais fecunda de abordar Freud seja considerá-lo como um *interlocutor*, figura que pode condensar as quatro dimensões mencionadas: com um interlocutor, o que se faz é escutá-lo, pensar no que nos diz, respeitar seus argumentos para melhor compreendê-los, mas também formular os nossos, eventual-

mente refutar os seus, servindo-nos deles para construir um pensamento próprio no e pelo diálogo.

Os artigos deste número de *Percurso* ilustram, a nosso ver, este modo de ler Freud e de praticar a psicanálise que ele inventou. Uns mais rente às suas formulações, outros mais ousados na exegese ou na crítica, elas buscam pensar com seus conceitos e, se possível, para além deles, evitando a postura religiosa que consistiria em os envolver numa aura de santidade - o que teria como efeito (como infelizmente não é raro entre nós, psicanalistas) privá-los, e à prática que por eles se orienta, do seu valor de fazer ver, do seu poder de induzir a questionar.

Refletindo sobre a angústia, sobre a prática clínica, sobre questões como o recalque, o infantil, a civilização ou a sexualidade feminina, sobre a ampliação do setting - é contra o horizonte da obra freudiana que os trabalhos aqui reunidos recortam seu espaço, num convite generoso para nos fazer pensar. Completam o número um vigoroso debate acerca do neo-pragmatismo e de suas implicações éticas, uma iniciativa que *Percurso* deseja poder repetir com outros temas de interesse; seis resenhas de livros recentemente publicados ou republicados; uma entrevista com Otto Kernberg, candidato à presidência da IPA e autor de importantes trabalhos clínicos e teóricos; e uma conferência de Piera Aulagnier, certamente uma das figuras que melhor demonstraram a fecundidade do encontro entre a obra de Freud e um analista capaz de escutar com sensibilidade e de pensar com a própria cabeça.

O que há de novo na Psicanálise? Freud, e... — se soubermos nos mirar em tais exemplos. ■